

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0022863

F
323.445
C837

A COSTA E SILVA

MISSÃO DEMOCRÁTICA DA IMPRENSA

DA DE IMPRENSA DA
CIA DA REPÚBLICA

1968

F 350.003 5
C837m
ex. 2

ARTHUR DA COSTA E SILVA

MISSÃO DEMOCRÁTICA DA IMPRENSA

*“Creio na imprensa livre porque
não creio haver entre os homens
fôrça maior que o pensamento em
sua ânsia de manifestação, quando
procede das fontes do bem e da ne-
cessidade de progresso do espírito.”*

F
350.0035
C837m
ex. 2

SECRETARIA DE IMPRENSA DA
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
1968

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

MISSÃO DEMOCRÁTICA
DA IMPRENSA

Este livro pertence ao acervo
da Associação Brasileira de Imprensa
e deve ser devolvido ao
Departamento de Imprensa Nacional
à Rua do Ouvidor, 111, Rio de Janeiro.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
F234	9/12/69

DISCURSO PROFERIDO PELO
PRESIDENTE DA REPÚBLICA, EM
7 DE ABRIL DE 1968, DURANTE
O ALMÔÇO COMEMORATIVO DO
60.º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIA-
ÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

•••“candente hino à liberdade de imprensa” . . .

(*Correio da Manhã*)

“Um credo na imprensa livre, na liberdade em si mesma, na opinião pública, no império da lei, da justiça e da ordem.”

“Não correspondeu o Marechal Costa e Silva ao acolhimento da ABI com uma oração meramente ditirâmbica, que resultaria falso. Mostrou-se um devoto da liberdade de imprensa, porém com tôdas as ressalvas que pôde lançar, aliás válidas no seu conteúdo doutrinário.”

(. . .) Um encontro leal de duas forças — a do poder constituído e armado com a da palavra e da informação.”

(*Diário de Notícias*)

“O Presidente da República fêz, na ABI, a apologia da liberdade de imprensa. Foi uma palavra de ordem.”

(Jornal do Brasil)

“O Marechal Costa e Silva deixou muito claro o seu respeito pela liberdade de opinião e a firme determinação de resolver os grandes problemas do Brasil dentro das normas jurídicas e do respeito à pessoa humana.”

(Jornal do Comércio)

“O encontro do Presidente da República com os jornalistas na ABI (...) não poderia deixar de produzir, como já produziu, as melhores conseqüências. Desanuviou-se a atmosfera, que se tornara tensa. (...) Foi ali que se iniciou, praticamente, o grande diálogo.”

(Danton Jobim, em Última Hora)

“The President spoke out after more than a week of antigovernment violence that has put his year-old government to its severest test.”

(Los Angeles Times)

“President Arthur da Costa e Silva told the Brazilian Press Association today that he believed in freedom of the press but that there was a strict connection between the right of freedom and the duty of responsibility. (...) The President said that abuses of press freedom could not be suppressed by force, but only through sanctions clearly determined by law or through the public's repudiation.”

(The New York Times)

SENHORES

Gratíssima para mim é esta oportunidade de conviver algumas horas com os homens que fazem e comandam a imprensa livre de nosso País.

Entre fazer e comandar há alguma distância; e se a ela me refiro é para assinalar a circunstância de me encontrar diante de profissionais autênticos, que não encaram a imprensa como indústria — embora da natureza do empreendimento industrial ela se revista cada vez mais em nosso tempo — mas principalmente como uma forma de participação na vida pública e até na missão de legislar, aplicar as leis na distribuição da justiça, e governar, no sentido mais amplo desta palavra.

Já entre comando e liberdade não há distância, pois aludo a noções que se completam e integram, entre vós e de um modo geral, pela necessidade de se distinguir o livre do arbitrário.

Dizem-me que restabeleço, com minha presença nesta Casa, a tradição do comparecimento de Chefes de Estado à ABI. Ainda que não estivesse arrimado no exemplo de antecessores meus, que trouxeram à Associação Brasileira de Imprensa o testemunho do aprêço ao duro trabalho dos homens de jornal, aqui estaria para começar a tradição e bendizer o ensêjo dêste convívio, que me permitiu ouvir o belo discurso do vosso Presidente ⁽¹⁾ e me permitirá dizer-vos como prezo e como entendo a vossa missão, fundada na primeira das quatro liberdades de Roosevelt: a liberdade de palavra e expressão.

Entendo-a como complemento da missão de governar. Pelas grandes vozes do nosso passado, como pelos acontecimentos mais importantes de nossa História moderna e recente, tomamos a decisão de ser uma Nação livre e de viver em democracia. A imprensa nos ajudou nessa determinação e nos ajuda ainda hoje a não abandoná-la, na medida em que nos traz, dia a dia, os ecos, os anseios, os temores e as aspirações da opinião nacional. Não nos enganamos quanto às dificuldades de captar a opinião, para conhecê-la em sua expressão

(1) Jornalista Danton Jobim.

verdadeira e por ela orientar a nossa obra de govêrno. Há muitas formas de mistificá-la e distorcê-la, para induzir a êrro o governante. Na era da comunicação de massas, não ignoramos haver até uma ou várias técnicas de "fazer" a opinião, de formá-la e deformá-la, de simular estar sendo ela refletida quando às vêzes está sendo apenas traída e violentada por meios poderosos de manipulação. Mas é preciso buscá-la com paciência, pertinácia e fervor, procurando distinguir a mistificação da verdade, desprezando as nuances para melhor identificar o que de fato é nela fundamental e, ao mesmo tempo, trabalhando para informá-la e esclarecê-la, com boa-fé e lealdade.

Para isto, é indispensável que haja liberdade. Até por ser difícil discernir, de imediato, entre a malícia e a notícia, entre a verdade nua e a mentira bem vestida pelas técnicas modernas do jornalismo escrito e falado, o governante não se arrogará o direito de calar pela violência o órgão que lhe pareça estar fugindo à nobreza do seu papel. É difícil, por vêzes, escapar aos movimentos de impaciência e inconformismo ante as formas ostensivas de falseamento da verdade, mas é preciso pagar êsse tributo para colhêr os benefícios gerais da existência de uma imprensa

livre no País. O Presidente Kennedy costumava, em tais situações, deixar simplesmente de ler o jornal que enveredava pelo caminho da mentira e da campanha pessoal. Ao representante do New York Herald Tribune, que passara a atacá-lo injusta e sistematicamente, quando lhe perguntou “como estava” em relação a esse jornal, respondeu o grande democrata, na Casa Branca:

— Lendo menos e gostando mais (¹) . . .

E há o caso do Papa Adriano, desaconselhado sãbiamente a submergir no Tibre um pasquim. Segundo o Padre Manuel Bernardes, (²) houve em Roma antigamente um alfaiaite, chamado Pasquilo ou Pasquino. Irreverente e talentoso, e como tinha acesso às casas dos Príncipes e Cardiais, do muito que chegava a saber fazia epigramas que circulavam rapidamente, fustigando maus costumes ou simplesmente ferindo pessoas importantes pelo gôsto da frase espirituosa. Sua morte foi um alívio para as vítimas de sua mordacidade, que no entanto não sossegaram completamente, pois nos

(¹) Kennedy chegou a cancelar a assinatura do «New York Herald Tribune», restabelecendo-a dois ou três meses depois. (Nota do Editor).

(²) «Nova Floresta», *Confiança em Deus*.

jardins da casa de Pasquino foi desenterrada uma estátua de gladiador, em cujas costas passaram outros críticos, anônimos, a afixar novos epigramas, logo chamados “pasquins”. Como a maioria dêles se dirigia contra Adriano, o Papa manifestou a intenção de mandar remover a estátua e lançá-la no Tibre. Mas um certo Luiz Suesseno demoveu-o, com êste conselho sábio:

— Senhor, o Pasquim é da espécie de rãs, que debaixo da água coaxam mais.

Pasquins existem e creio que existirão sempre, mas nem a respeito dêles se pode pensar que suprimi-los ou silenciá-los pela fôrça constitua solução para o problema das distorções a que se submeta a liberdade de imprensa. Estão sujeitos a dois tipos de sanções: aquelas determinadas claramente pela lei e a mais severa de tôdas, que é a da própria opinião pública, cuja tendência entre nós é desprezá-los e deixá-los morrer de morte natural.

Grandes e pequenos jornais respeitáveis, que tenham noção exata da importância de sua missão na democracia moderna, hão de estar atentos, contudo, à íntima conexão existente entre o direito à liberdade e o dever da responsabilidade. Embora a imprensa, no dizer de

Machado de Assis, seja como a lança de Têléfo e cure as feridas que faz, ela não pode ferir indistintamente, como espada em mão de bêbado, pois acabaria golpeando-se a si mesma. Assim como a força exercida sem as limitações da lei, a liberdade praticada sem o dignificante contrapêso da responsabilidade acaba desencaminhando-se para os desvãos do banditismo e do crime.

Não vos falo de assunto estranho às vossas cogitações pessoais, muito menos à vossa história. Emito conceitos que poderiam ser repetidos pelo ilustre Presidente desta Casa, Professor de Ética e jornalista dos mais notáveis que já apareceram em nossa imprensa. A Assembleia Geral da ONU, reunida em Paris em 1948 para aprovar a Declaração Universal dos Direitos do Homem, consagrou o princípio segundo o qual "todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e expressão, o que implica o direito de não ser perseguido pelas suas opiniões e de buscar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, as informações e as idéias, por qualquer meio de expressão que seja". Mas em Genebra, no mesmo ano, uma Conferência das Nações Unidas, sobre a liberdade de expressão e informação, completou aquele princípio com este outro: "O direito à

liberdade de expressão inclui deveres e responsabilidades e pode, em consequência ser submetido a sanções, condições ou restrições claramente definidas por lei, no que concerne à difusão sistemática de notícias falsas ou deformadas, que prejudiquem as relações amistosas entre povos e Estados".

Dificuldades de natureza técnica impediram a aplicação deste princípio no plano internacional, sem que sua força e validade possam ser postas em dúvida no plano interno de cada país. A responsabilidade é a outra face da liberdade. Não somente a completa, como lhe dá beleza e condições de perpetuidade. A Associação de Imprensa do Estado de Washington inscreveu em seu Código de Ética, redigido em 1923, esta bela sentença, que explica a vitalidade e a força moral da imprensa norte-americana: "O jornalista deve ser leal à comunidade, ao Estado e à Nação".

O crescimento dos meios técnicos e a própria evolução do jornal como veículo, de eficácia cada vez maior, da comunicação social, tiveram como contrapartida o agigantamento da responsabilidade do jornalista. Acentuar esse fenômeno de ocorrência indiscutível é comentar convosco um dos vossos problemas internos e

também reconhecer e louvar a importância do vosso papel na sociedade contemporânea, de vossa missão na democracia do nosso tempo. A maneira como se comporta a imprensa, de um modo geral, em face das tentativas que se fazem nestes últimos dias para utilizar a impetuosidade ingênua da juventude e lançar o País na desordem é a prova mais recente de que estais de fato preparados para corresponder à grandeza dessa missão. E acentua em mim a fé que deposito, não apenas na imprensa, mas na permanência do sistema democrático entre nós.

Sim, Senhores, creio na imprensa livre, porque ela nos ajudou a conquistar a Independência, a fazer a Abolição, a realizar o sonho republicano e a completá-lo em 1964, quando estêve ameaçada a nossa República em seus fundamentos políticos e morais.

Creio na imprensa livre, porque creio na liberdade em si mesma, como o maior de todos os bens concedidos ao homem na Terra.

Creio na imprensa livre, porque não creio haver entre os homens força maior que o pensamento em sua ânsia de manifestação, quando procede das fontes do bem e da necessidade de progresso do espírito.

Creio na imprensa livre, porque confio na Opinião Pública — por ela refletida — como vetor de orientação dos homens que governam, sinceramente empenhados na promoção do bem comum.

Creio na imprensa livre, porque também creio que a liberdade seja capaz de gerar, naquelas que a desfrutam, o sentimento da responsabilidade, sem o qual seria, ela própria, aviltada na prática dos abusos e comprometida no cometimento dos desatinos contrários à paz, à estabilidade e ao progresso moral da sociedade.

Creio na imprensa livre, porque acredito no império da lei, da justiça e da ordem, dentro de cujas fronteiras cada cidadão há-de regular a sua liberdade pelos limites da liberdade dos demais cidadãos.

Creio na imprensa livre, na mesma medida em que não creio se deixe ela dominar pelos interesses de pessoas e de grupos, colocados acima dos interesses da Pátria.

Creio na imprensa livre, em suma, porque não vacilo em minha fé na democracia, da qual nos dá ela o sinal mais característico de presença, funcionamento, superioridade e afirmação.

THE FREE PRESS
IN BRAZIL

AN ADDRESS BY
ARTHUR DA COSTA E SILVA,
PRESIDENT OF THE FEDERAL
REPUBLIC OF BRAZIL, AT THE
BRAZILIAN PRESS ASSOCIATION
APRIL, 1968

VERSÃO INGLÊSA
DE
JOSEPH A. JONES

GENTLEMEN

This opportunity to spend a few hours with the men who make and direct the free press in our country is extremely gratifying to me.

There is a certain gap between making and directing, and if I mention it is because I recognize the fact that I am in the presence of true professionals, who do not view the press as an industry — notwithstanding the nature of industrial enterprise with which, nowadays, it is increasingly vested — but as a means of participating in public affairs, chiefly, and, indeed, in the functions of legislating, applying the law in dealing out justice, and in government, in every sense of the word.

Now, between leadership and freedom there is no gap at all, since I am alluding to concepts which, among you and in a general manner, are completed and integrated by the

necessity of distinguishing the free from the arbitrary.

I am told that with my presence in this headquarters I am re-establishing the tradition of Chiefs of State appearing at the Brazilian Press Association.

Even without the example set by those of my predecessors who assured the Association of their appreciation of the difficult job newspapermen have, I would be here to star the tradition, and to praise the occasion of this foregathering at which I was allowed to listen to the fine speech your President made and at which you will allow me to tell you how I esteem, and how I understand your mission, founded on the first of Roosevelt's four freedoms: the freedom of speech and expression.

I understand it as complementing the mission of governing. Through the great utterances in our past, as through the most important occurrences in our modern and recent history, we made the decision to be a free country and live in democracy.

The press helped us in this determination, and is helping us to this day to keep to it by

reverberating the echoes, the anxieties, the fears and the hopes of public opinion.

We are not unaware of the difficulty of gathering this opinion that we may evaluate it in its true light and be guided by it in our task of governing. There are many ways to falsify and misrepresent it, inducing the government to make mistakes. In this era of mass communications we do not ignore that there are one or more techniques of "fabricating" opinion, of forming it and deforming it, of professing to reflect it when at times it is simply being abused and violated by powerful manipulative expedients. But it must be gathered patiently, doggedly, and devoutly, while endeavoring to winnow falsehood from truth, disregarding nuances the better to identify its basis and, at the same time, proceeding to impart it clearly, in good faith, and fairly.

To accomplish this, freedom is required. Despite the difficulty in immediately discerning malice from news, the naked truth from the lie elegantly cloaked by modern techniques of written and oral journalism, the government will not take upon itself the right forcibly to silence any organ it may deem is not up to the dignity of its role.

It is sometimes very trying to be patient and forbearing in the face of overt forms of falsifying the truth, but this is the price to be paid to reap the overall benefits of the existence of a free press in the country. President Kennedy, in such situations, simply stopped reading the newspaper which chose a perfidious or personality-campaign course. To the representative of a New York daily, which had begun to attack him unjustly and constantly, who asked him how he felt about the paper, the great White House democrat answered:

"The less I read it the more I like it."

Then there's the case of Pope Adrian, who was shrewdly deterred from throwing a "yellow press" into the Tiber.

According to Father Manuel Bernardes, there was a tailor in ancient Rome named Pasquilo, or Pasquino. Irreverent and talented, and having access into the palaces of princes and cardinals, with the great deal he came to learn he made up epigrams, which circulated rapidly, ridiculing bad habits or merely attacking important figures for the pleasure of turning a witty phrase. His death was a relief to

the victims of his mordacity, who were nevertheless not altogether happy, since in Pasquino's garden there had been dug up the statue of a gladiator on whose back other anonymous critics started writing new epigrams, immediately given the name "pasquils". As most of them lampooned Adrian, the Pope made known his intention of having the statue removed and thrown into the Tiber, whereupon a certain Luiz Suesseno dissuaded him with this wise advice:

"Sire, the Pasquil is a species of frog, and it croaks louder under water."

Pasquils exist, and I believe they always will; but it is inconceivable that suppressing or forcibly silencing even them would solve the problem of distortion to which freedom of the press is exposed. They are subject to two kinds of penalty: those clearly laid down in the law, and the most severe of all, which is the tendency of public opinion itself to scorn them and let them die a natural death.

Reputable newspapers, big and small, with a proper comprehension of their mission in today's democracy, must be heedful, however, of the close relationship between the right to

freedom and the duty of responsibility. While the press, in the words of Machado de Assis, may be likened to Telephus' spear, curing the wounds it inflicts, it cannot wound indiscriminately, like a sword in the hands of a drunken man, or it will finish up wounding itself. As with power exercised beyond legal limits, freedom and the duty of responsibility. While reaction of responsibility only leads it into the realms of banditry and crime.

I am not dealing with a subject strange to your inmost thoughts, much less your history. The very ideas I am voicing might be coming to you from the illustrious President of this House, a Professor of Ethics and one of the most eminent journalists ever to have emerged in our press.

The United Nation's General Assembly, meeting in Paris in 1948 to approve the Universal Declaration of the Rights of Man, acclaimed the principle according to which "every individual has the right to freedom of opinion and expression, implying the right not to be persecuted for his opinions and to seek, receive and divulge information and ideas by any means of expression whatsoever, regardless of frontiers."

But in Geneva that same year, a U.N. Conference on freedom of expression and information amplified that with "the right to freedom of expression includes duties and responsibilities and may, consequently, be subject to sanctions, conditions or restrictions clearly defined by law concerning the systematic divulagation of false or distorted news which might impair friendly relations between peoples and states".

Technical difficulties prevented the application of this principle on a world scale, its power and validity not, however, being placed in any doubt on the national level in each country.

Responsibility is freedom's counterpart. It not only completes it, but enhances its features and affords it possibilities of perpetuity.

The National Press Club in Washington included this splendid sentiment in its Code of Ethics drawn up in 1923, which points up the dynamics and the moral strength of the North American press:

"A newspaperman must be loyal to the community, to the state, and to the country."

The expansion of technological means and the very evolution of the newspaper as an

increasingly more efficient vehicle for social communication had a parallel growth, to gigantic proportions, of the newspaperman's responsibility.

For me to dwell on this irrefutable phenomenon is to comment to your upon one of your own internal affairs, but it is also in recognition and praise of your part in contemporary society, your function in the democracy of our times. The behavior of the press in general in face of the attempts being made these past few days to utilize the artless impetuosity of youth and throw the country into disorder is the latest proof that you are in fact prepared to match the grandeur of that function. It also raises within me my faith, not only in the press, but in the continuity among us of the democratic system.

Yes, Gentlemen, *I believe* in a free press because it helped us to win Independence, effect Abolition, realize the republican dream and consummate it in 1964 at a time when our Republic's political and moral roots were endangered.

I believe in a free press because *I believe* in freedom in itself as the greatest of all good things granted to man on earth.

I believe in a free press because I do not believe that there exists among men any force greater than a thought struggling for expression, when it comes from a source of goodness and the need for spiritual progress.

I believe in a free press because I have faith in public opinion — reflected through it — as a weathervane to orient the men who govern, dedicated to promoting the common welfare.

I believe in a free press because *I also believe* that its freedom can be capable of generating a sense of responsibility in those who enjoy it, without which it would itself be defiled in the practice of abuses and involved in committing excesses contrary to the peace, the stability, and to society's moral advancement.

I believe in a free press because *I believe* in the authority of the law, justice and order, within whose boundaries each citizen must regulate his freedom according to the freedom of all other citizens.

I believe in a free press in the same way that I do not believe it should allow itself to be dominated by individual or group interests placed above the interests of the country.

I believe in a free press, finally, because I do not waver in my faith in democracy — that freedom being the most characteristic mark of democracy's presence, workability and superiority.

ADDITIONAL COPIES MAY BE
OBTAINED FROM:

SECRETARIA DE IMPRENSA DA
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — BRASIL

DEPARTAMENTO DE IMPRESA NACIONAL
1968